

LOCAL

As muitas missões da irmã Ângela

Chegou de Espanha há mais de 60 anos e trabalhou nos bairros mais pobres de Lisboa. “A miséria que se viu aqui não se viu nenhures”, diz a freira franciscana que não está com vontade de parar. Acaba de conseguir uma cozinha nova para o centro de dia da paróquia

João Pedro Pincha

Angela Lopez aproveita a calma da manhã para pôr a papelada em dia. Confere facturas, folheia pequenos papéis com os dedos rápidos, anota na agenda os compromissos para os próximos dias. “Senta-te aí, já falamos”, diz, depois de um fugaz passou-bem.

Não parece haver ali cansaço que a abale. Passado um bom bocado, quando o relógio bate as dez e na televisão muda o programa, lá mete conversa. Não larga logo os papéis, vai falando e folheando. Mas isso dura pouco. Afasta de vez as pastas quando tem de limpar o pô às memórias de 45 anos.

Foi em 1974 que esta freira franciscana chegou à paróquia de São João Evangelista, na Penha de França – o que na época era um imenso bairro de barracas com ruas estreitas onde se amontoavam milhares de pessoas em condições muito precárias. As imagens do que ali viu e viveu marcaram-lhe o discurso. “Aquilo era um gueto, as pessoas não saíam de lá.”

Pontua a conversa com risos breves ou sorrisos que contrastam com a dureza daquela realidade. “Havia pessoas que embrulhavam os filhos em papel de jornal e punham-nas a dormir porque não tinham para lhes dar de comer. As barracas não tinham água, não tinham luz. A miséria que se viu aqui não se viu nenhures”, descreve, num castelhano aporuguesado. Mais de seis décadas depois de ter chegado a Portugal, Ângela Lopez não fala

outra língua que não a materna. “Nunca tive aulas de português. O português que aprendi foi no Casal Ventoso e na Curraleira. Mas eu não podia andar aí a dizer barbaridades”, ri-se.

Pobres a ajudar pobres

Nascida em Espanha em 1932, a Guerra Civil apanhou-a com quatro anos. Em sua casa viviam escondidas duas freiras que lhe ensinaram a religião católica e a influenciaram no seu percurso de vida. Fez os votos na congregação das Franciscanas Missionárias de Maria e aos 23 anos foi mandada para Portugal. “Cheguei a 3 de Setembro de 1955 e a 24 de Setembro fui para Campo de Ourique e estive lá 17 anos.”

Em Campo de Ourique trabalhava numa casa da Rua do Patrocínio, não muito longe do Casal Ventoso, onde teve o primeiro contacto com

as barracas lisboetas. Ali funcionou um dispensário materno-infantil “com obstetras e pediatras que trabalhavam nos principais hospitais de Lisboa” e onde havia consultas “todos os dias, das oito da manhã às duas da tarde”, uma absoluta raridade para a época, sublinha Ângela Lopez.

Só depois do 25 de Abril chegou à Curraleira. No dia da Revolução estava numa casa da congregação que ficava próxima do Rato e da janela assistiu às movimentações militares. “Levântamo-nos de manhã e estava a rua cheia de Chaimites”, recorda, arrancando uma primeira risada ao padre Alberto Bissoli, pároco de São João Evangelista, em cujo centro social decorre a conversa. “Quando a irmã estava na Curraleira, estava eu em Chelas”, menciona, aludindo aos muitos problemas habitacionais que então



“Foi muito bonito. Vieram pessoas da Musgueira com burrinhos para ajudar. Eram pobres a ajudar outros pobres. Houve pessoas que ficaram sem nadinha

Irmã Ângela



havia naquela zona de Lisboa.

Problemas com que a irmã Ângela também se confrontou. Na Curraleira moravam muitos “transmontanos e minhotos” que no Verão iam às suas terras “e convenciam as famílias a vir também”. Que história contavam para os convencer não sabe, mas via o resultado: “Aqui viviam na miséria.”

As condições de vida eram más, terríveis, e de vez em quando havia incêndios. Num dos maiores, a 31 de Março de 1975 – “era segunda-feira de Páscoa”, lembra-se Ângela –, morreu uma criança e “arderam 60 barracas”. Foi a pedra-de-toque para que a população arregaçasse as mangas e começasse a acabar com o bairro de lata. “O pároco daqui foi a Fátima e falou dos pobres da Curraleira. Com o dinheiro do ofertório construiu-se o Bairro Horizonte.”

A cooperativa de moradores criada para construir esse bairro, que foi o primeiro destinado a realojar a população da Curraleira, contou com ajudas improváveis. “Foi muito bonito. Vieram pessoas da Musgueira com burrinhos para ajudar. Eram pobres a ajudar outros pobres”, diz a freira. “Houve pessoas que ficaram sem nadinha. Os meninos estavam tão aterrados com o incêndio que não comiam nada.”

O próximo passo

Aos 87 anos, Ângela Lopez não está com vontade de se reformar. Dirige o Centro Social e Paroquial São João Evangelista, na Rua Barão de Sabrosa, onde uma centena de idosos vai passar o dia e tomar as refeições.

As barracas da Curraleira desapareceram no início do século e os seus moradores foram realojados em bairros próximos – Horizonte,

Carlos Botelho e Quinta do Lavrado, onde as três irmãs da congregação habitam ainda hoje. Mas o trabalho não se esgota. “Há muitos idosos sozinhos, muitos homens que não sabem cozinhar nem um ovo”, comenta o padre Alberto Bissoli. “Temos pouquíssimas crianças cá na paróquia. Os casais jovens foram todos para fora de Lisboa, por isso agora aqui é só terceira idade.”

O centro social teve obras há dois anos e tem hoje paredes brancas e candeieiros luminosos. A cozinha, no entanto, não tem melhorias praticamente desde que o equipamento abriu, em 1989. Também o mobiliário da sala de refeições teve já melhores dias. Este ano, a irmã Ângela decidiu concorrer ao Orçamento Participativo da Junta de Freguesia da Penha de França (POP Penha) – e ganhou.

“Nunca pensei que ganhásse-

Foi em 1974 que a freira franciscana chegou à Curraleira — um imenso bairro de barracas com ruas estreitas onde se amontoavam milhares de pessoas em condições muito precárias

mos”, comenta, com um gesto largo é difícil acreditar nela quando se põe a explicar como convenceu as paroquianas a estar à porta das misas a pedir votos. Através do POP Penha, a cozinha do centro vai ser reabilitada e equipada de novo. Outro projecto, apresentado por uma frequentadora daquele espaço, é para a substituição das mesas e cadeiras – e também ganhou.

O POP Penha foi lançado em 2016 e até hoje deu corpo a 14 projectos. Para a edição de 2019 a junta de fre-

guesia reservou uma verba de 30 mil euros e, além das duas iniciativas de São João Evangelista, saiu vencedora outra proposta de apoio a idosos, apresentada pelo centro de dia da paróquia de Nossa Senhora da Penha de França. A quarta e última ideia que vai ver a luz do dia é a criação de uma rede de compostores comunitários.

Para Ângela Lopez, passado o espanto com a vitória, o tempo é agora de trabalho. Ela e o padre Alberto bem gostariam de apoiar mais gente, mas para já não há capacidade para mais. “Velhotes há aí muitos, pessoas que até têm necessidade de apoio domiciliário, mas para isso era preciso outra estrutura”, diz o pároco. A irmã Ângela olha para o relógio e põe-se de pé. É hora de ir servir almoços.

joao.pincha@publico.pt